

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM 5ª E 8ª SÉRIES

VERA LUCIA MAZUR BENASSI (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA).

Resumo

O presente texto tem por objetivo apresentar uma discussão sobre as práticas de leitura nas aulas de Língua Portuguesa, desenvolvida em 5ª e 8ª séries em três escolas de rede pública do município de Ponta Grossa – Paraná. Os dados foram coletados por meio de observação da escola e das aulas de Língua Portuguesa, aplicação de questionários aos responsáveis pelas bibliotecas, pedagogos, professores e alunos das classes observadas. Essa metodologia de coleta de dados está de acordo com a abordagem das pesquisas qualitativas do tipo etnográfica. As discussões teóricas estão assentadas em autores que discutem a leitura e as práticas de leitura: Foucambert (1994), Solé (1998) e Silva (2005). A análise dos dados evidenciou: a) que os professores não planejam suas aulas, disso decorre uma prática docente fragmentada, repetitiva que não estimula a participação dos alunos nas aulas; b) o livro didático é o material mais utilizado pelos professores para trabalhar a leitura em sala de aula; c) nas escolas há um discurso institucionalizado que culpa a mídia e a instituição familiar pelo desinteresse dos alunos pela leitura; d) os profissionais responsáveis por mediar a leitura nas escolas – bibliotecários, pedagogos e professores – afirmaram que são leitores, porém eventuais; e) tanto os professores quanto os alunos reconhecem que a leitura é importante para a vida das pessoas e têm noção do papel da escola na formação dos leitores.

Palavras-chave:

Leitura, Práticas de leitura, Mediadores de leitura.

Introdução

O presente texto tem por objetivo apresentar uma discussão sobre as práticas de leitura nas aulas de Língua Portuguesa em turmas de 5ª e 8ª séries de 03 (três) escolas da rede pública do município de Ponta Grossa, Paraná. Escolhemos essas séries por considerarmos momentos decisivos no processo de aquisição e domínio da leitura e da escrita.

O desejo de investigar o tema é decorrente das nossas inquietações, enquanto professora. Essa preocupação aumenta ainda mais diante dos resultados das avaliações oficiais que evidenciam a falta de compreensão leitora dos alunos nessa etapa de ensino. Isso instigou-nos a buscar explicações, por meio de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, sobre as práticas de leitura que ocorrem nas aulas de Língua Portuguesa. E, ainda, procuramos compreender as condições físicas e humanas existentes nas escolas que contribuem para o desenvolvimento efetivo de práticas de leitura.

Para atender aos objetivos propostos, partimos das seguintes questões: a) Qual é o espaço que a leitura ocupa no cotidiano escolar? b) Como é conduzido o trabalho de leitura no cotidiano das escolas, as práticas de leituras nas aulas de Língua Portuguesa em turmas de 5ª e 8ª séries? c) Qual a concepção de leitura mais presente em professores, pedagogos, alunos e bibliotecários?

Portanto, voltamos o nosso olhar à escola como um ambiente natural onde se processa o trabalho realizado com a leitura. Nossa intenção era conhecer e

entender os embates e contradições, a dinâmica e a diversidade de situações vivenciadas por professores e alunos associadas ao contexto escolar referente à leitura.

Para tanto, a pesquisa de campo, para a coleta de dados, compreendeu 06 (seis etapas): 1. Definição das escolas que seriam pesquisadas e autorização para a pesquisa; 2. escolha dos sujeitos; 3. a criação do instrumento de coleta de dados - o questionário semi-estruturado; 4. aplicação do teste piloto para validação do questionário semi-estruturado com 06 (seis) alunos de 5ª e 8ª séries; 5. processo de observação nas escolas escolhidas, focalizando de modo particular as turmas de 5ª e 8ª séries, registros em diário de bordo sobre o planejamento anual, os planos de aula e os registros realizados pelo professor no livro de chamada e; 6. aplicação do questionário aos alunos, aos professores, aos pedagogos e aos responsáveis pelas bibliotecas das escolas estaduais.

As concepções teóricas para a compreensão do objeto estão assentadas em autores que discutem as práticas de leitura e a formação de leitores, como: Freire (1982), Foucambert (1994), Solé (1998), Silva (2005), entre outros.

A leitura deve ser estimulada desde cedo, primeiramente, na família e depois na escola a qual deve ser o espaço privilegiado para a formação do leitor. Esses autores entendem a leitura como uma prática social que faz parte do cotidiano das pessoas. Essa perspectiva teórica defende que para formar leitor é fundamental que o aluno desenvolva o gosto pela leitura e se familiarize com o livro desde pequeno, lendo e ouvindo histórias, tanto na família quanto na escola. A sociedade contemporânea tem atribuído à escola a responsabilidade de ensinar a ler e a compreender os diversos gêneros textuais.

Dessa forma, a escola é reconhecida como uma das principais agências responsáveis pelo desenvolvimento das competências que envolvem leitura, uma vez que é nela que formalmente ocorre a reflexão sobre os variados gêneros textuais e os diferentes portadores de texto. O contato com uma diversidade textual possibilita aos alunos desenvolverem a capacidade de diferenciação e compreensão dos mesmos.

Todavia, sabemos que promover a leitura na escola não é tarefa fácil, exige oferecer aos alunos oportunidades para desenvolver a leitura. Demanda professores criativos para driblar as dificuldades encontradas no dia-a-dia, sem deixar de considerar que é fundamental a existência de bibliotecas com bom acervo. O desafio proposto aos professores é desempenhar da melhor maneira possível a prática pedagógica, contribuindo na formação do cidadão-leitor-crítico, a fim de possibilitar ao mesmo uma melhor compreensão da sociedade em que está inserido.

Por isso, segundo Silva (2005), é necessário que o professor se torne um leitor crítico e esteja em contato com variados contextos de leitura, constituindo-se autor de sua própria prática pedagógica.

Práticas de leitura em sala de aula

Durante a permanência como pesquisadora percebemos que o cotidiano escolar tem adotado uma série de práticas desmotivadoras que levam o aluno a não gostar de ler. A leitura foi trabalhada apenas como decodificação do escrito, sem discussão do conteúdo do texto, em decorrência disso, não havia interesse por parte dos alunos. Com isso, os alunos não foram levados a descobrir os objetivos, não houve interação entre aluno/texto/professor. Percebemos que as leituras dos textos

eram impostas, resumia-se a atos mecânicos de ler, o que gerava conversas paralelas entre os alunos, impedindo a compreensão da leitura.

A orientação dos professores para iniciar o trabalho com a leitura resumia-se em: "*Abram o livro na p. 56!*"; "*Façam uma leitura silenciosa do texto!*"; "*Vamos ler o texto em voz alta!*". Não se criava expectativas no leitor e não se mostrava finalidades para a leitura, a leitura não passava de um mecanismo de decodificação do escrito.

No pensar de Solé (1998), é preciso criar um ambiente de leitura, oferecer finalidade, ativar seu conhecimento de mundo, fazer previsões, formular questões, recapitular informações, resumir, destacar idéias principais, responder perguntas sobre o lido e construir interpretações. Segundo a autora para que um indivíduo se torne um leitor autônomo e competente é preciso que receba auxílio e suporte de um leitor mais experiente que trabalhe com as estratégias de leitura. Para Solé (1998), ao desenvolver atividades de leitura com os alunos é preciso que o professor tenha em mente que a leitura precisa ser desenvolvida em três momentos fundamentais: o antes, o durante e o depois.

O uso de estratégias leva à progressiva interiorização e utilização autônoma pelas crianças. Nesse caso, compreender os propósitos da leitura, o quê ler e para quê, pode determinar a forma como o leitor se situa na leitura e na compreensão do texto. As estratégias permitem aos alunos ativarem os conhecimentos prévios sobre o assunto e, dessa maneira, assumirem um papel ativo na leitura fazendo previsões, formulando questões e recapitulando informações a respeito do texto e, assim, ir construindo a interpretação do texto no decorrer da leitura.

A análise dos dados revelou que a maioria dos alunos não lê por prazer ou porque gosta, lê para fazer avaliações, atividades. Solé (1998) enfatiza que é preciso ir ao texto para buscar informações, para escutá-lo, para querer saber mais, para buscar incentivo e produzir outros textos e também para descontrair. Em geral o aluno que não lê, justifica dizendo que ler é chato e cansativo; que prefere jogar bola, e conversar; reclama que os livros são muito extensos.

É preciso considerar que a leitura não é o tempo todo e, nem para todos, em todos os momentos, exclusivamente prazerosa. Segundo Foucambert (1994: 29), "A leitura só é difícil ou cansativa (e exige esforços) quando não se sabe ler ou quando se precisa traduzir a escrita para compreendê-la". Esta pesquisa evidenciou que os professores e os alunos desconsideram que a leitura envolve trabalho, esforço, desafios e, nisso, está a aprendizagem do prazer de ler, da construção do prazer de ler. Portanto, obrigação não é dissociável do prazer; não são pares constantemente opostos, nem são exclusivos para qualquer situação de uso da leitura. A sala de aula não tem sido um ambiente de prática diária que mostre aos alunos as diversas facetas que envolvem o ensino de leitura.

E, para justificar essa aversão à leitura pelos alunos, os professores afirmam que a culpa é dos pais que não dão exemplo, não incentivam seus filhos a praticarem a leitura de livros em casa. Por outro lado, culpam a escola que não mostra a importância dessa prática. A TV e o computador aparecem como vilões que vieram para ocupar o lugar do livro. E, por fim, denunciam que o professor lê pouco e não incentiva a leitura.

Os depoimentos revelaram que, tanto os professores quanto os alunos apresentam um discurso construído sobre a leitura, que vigora nas políticas públicas, no imaginário social e no interior da escola. As respostas mais recorrentes foram: "*Ler*

traz informações"; " ler exercita a capacidade mental da pessoa, é muito bom para o cérebro"; "ler traz conhecimento".

Todavia, esse discurso feito pelos alunos é solto e pode ser questionado: Ler qualquer coisa é bom? Ler em quantidade é bom? A leitura provoca conseqüências positivas naquele que lê? O que é bom hoje, sempre o foi? Quem legitima as leituras boas, as melhores práticas, o material adequado para ler?

O desenvolvimento de interesses e hábitos se faz num processo constante que se inicia na família, reforça-se na escola e continua ao longo da existência do indivíduo por meio das influências recebidas de sua atmosfera cultural.

A pesquisa comprovou que a maioria dos alunos possui material de leitura em casa, porém, leem eventualmente. Gostam de ir à biblioteca, mas poucos emprestam livros, leem, apenas aquilo que é indicado pelos professores.

Porém, quando, aos professores e aos pedagogos, fora perguntado: quais as dificuldades que encontravam para desenvolver o trabalho com a leitura. As respostas relatadas foram que os alunos não gostam e têm preguiça de ler, inclusive as questões do livro didático. Alegaram ainda que o trabalho com a leitura não é tarefa simples e que falta espaço na biblioteca para acomodar uma turma inteira.

Diante da questão "como fazer com que os alunos passem a gostar de ler" verificou-se que as escolas não desenvolvem atividades que promovam a leitura. Outro fato observado nas escolas é a imposição, o professor manda ler. Todavia, é necessário levar em consideração as diversificadas leituras que os alunos fazem fora e dentro da escola, realizam outras leituras e resistem às leituras escolares realizadas pelos professores.

Conforme observação a maioria das aulas não eram atrativas, não tinham continuidade, eram fragmentadas, não havia interação professor/aluno e o material primordial era o livro didático. As metodologias não contribuía para a produção de leitores competentes, as aulas não eram planejadas de acordo com as necessidades dos alunos, e quando indagados sobre o assunto, as respostas foram: *"Por escrito eu não faço, a gente sabe conduzir a matéria"; "Sigo o livro"; "Planejamento? Ih adianta? "A coordenação não acompanha o planejamento. Não dá tempo".*

Necessário, se faz entender que a função mais evidente de um planejamento de ensino é segundo Tardif (2005: 212), "transformar e modificar o programa a fim de moldá-lo às circunstâncias únicas de cada situação de ensino".

Isso implica dizer que planejar requer pesquisar, ser criativo na elaboração da aula, estabelecer prioridades e limites, estar aberto para acolher o aluno e sua realidade, ser flexível para planejar sempre que necessário. É preciso entender que ensinar exige saber planejar, o que implica levar em conta as necessidades e as características de aprendizagem dos alunos, os objetivos educacionais da escola, o conteúdo, o compromisso do professor com o ensino, o tempo e às condições objetivas de trabalho. Ele está ligado aos valores pedagógicos, culturais e intelectuais.

A pesquisa evidenciou que os mediadores da leitura, os que atuam na promoção, divulgação e na formação de leitores na escola, consideram-se leitores, porém eventuais.

Entendemos que um dos requisitos básicos para quem quer ser formador de leitores, é ser leitor de diversos gêneros textuais e propiciar o contato do aluno com o livro e a leitura. Pois, quando o aluno vê o entusiasmo do professor pela leitura, por um livro, um autor, ele tende a fazer o mesmo.

A formação do leitor e a aprendizagem da leitura estão atreladas ao trabalho que o professor desenvolve na sua prática pedagógica. O professor aproxima o livro da criança deixando-a fazer escolhas, lendo textos, mostrando ilustrações, ouvindo atentamente, respondendo perguntas, observando e respeitando suas relações (SAVELI, 2007). A leitura de um texto é infinita, mas o momento em que o mediador compartilha com o aluno a leitura e a troca de experiências é única por incluir o vínculo ali estabelecido.

Considerações finais

Os pesquisadores da área da leitura acreditam que os debates promovidos em torno do tema, é imprescindível, principalmente, quando se depara com os baixos índices do rendimento escolar apresentados pelas avaliações oficiais do PISA, Prova Brasil, entre outros. Essas avaliações evidenciam que a falta de compreensão leitora dos alunos das escolas brasileiras constituem um problema que devem ser equacionados e apontam à necessidade de a escola tomar para si esse desafio. Pois, é na escola e, mais particularmente, na sala de aula que as políticas públicas dessa natureza tendem a serem efetivadas. Dessa forma, a escola precisa pensar em como oferecer aulas de qualidade, que sejam mais atrativas e incentivadoras, que vão ao encontro das necessidades apresentadas pelos alunos.

Partindo dessa perspectiva, defendemos que: a) as aulas de Língua Portuguesa devem ser planejadas; b) o trabalho com a leitura nas práticas diárias em sala de aula precisa ser menos estruturalista; c) o professor ao trabalhar com a leitura precisa dominar a língua, conhecer e se utilizar de meios estratégicos que levem o aluno à construção do conhecimento; d) o ensino de leitura necessita da interferência direta do professor como mediador; e) o professor precisa ter consciência e exercer um papel relevante no processo de formação de leitores; f) o leitor necessita do professor mediador para conduzir, orientar e aplicar estratégias de leitura.

Portanto, sem troca, sem diálogo, sem reflexão não existem condições para reverter o fracasso escolar instaurado dentro das escolas. Isso tudo só fará parte do contexto educacional se as políticas públicas voltadas para educação investirem em recursos didáticos, na qualificação permanente dos professores que visem superar as práticas pedagógicas estruturalistas.

Há que se refletir na seguinte questão: A leitura precisa ser ensinada? Como despertar o interesse dos alunos pela leitura? Como fazer com que as aulas de leitura se tornem atrativas e incentivadoras aos alunos? O professor de leitura dentro das escolas é leitor? A escola tem cumprido o seu papel de formadora de leitores? Como a escola se posiciona em relação à ausência da leitura dentro dela?

A leitura deve ser ensinada, mediada, compartilhada e jamais imposta. Não há como ensinar o aluno a gostar de ler sem antes mostrar a ele a relação do ato de ensinar e aprender.

A maneira como se desenvolve e se apresenta o trabalho com a leitura na sala de aula é fruto daquilo que se acredita e se adquire como bagagem cultural de vida. Nesse caso, a metodologia escolhida pelo professor no momento em que irá trabalhar a leitura é algo marcante na aprendizagem, isto é, na construção que cada indivíduo realiza durante a vida. A partir disso, é preciso pensar em aulas bem planejadas, em que o aluno possa perceber a intenção do professor ao escolher aquela atividade.

De acordo com Solé (1998) os mediadores de leitura precisam estar preparados para poderem oferecer aos seus alunos diversas maneiras de se ler um texto. É possível de a leitura ser ensinada, motivada e planejada fazendo uso de estratégias que facilitem a compreensão do texto, considerando sempre a construção do sentido, o contexto, o conhecimento prévio do leitor e a diversidade de gêneros textuais. O conhecimento de diversos gêneros textuais, a função social, os tipos de discurso que neles predominam e as formas como são estruturados é essencial para o desenvolvimento do leitor na compreensão eficaz do texto.

A pesquisa mostrou que os professores reconhecem que a leitura é importante e têm noção do papel da escola como promotora e incentivadora da leitura. Todavia, quando se tem por objetivo a formação de leitores precisamos entender que a leitura perpassa por todas as disciplinas do currículo escolar e, portanto, desenvolver as habilidades e competências leitoras é de responsabilidade do coletivo da escola.

Outro discurso disseminado no interior das escolas é o de que os alunos não gostam de ler e, isso acaba dificultando o trabalho com a leitura. Nesse sentido, podemos dizer que para que a escola desempenhe com qualidade o seu papel enquanto formadora de leitores ela precisa incentivar a leitura tornando-a uma cultura dentro dela, para que isso aconteça todos os responsáveis por mediar a leitura nas escolas devem ser leitores e se envolverem nessa prática, pois só se convence alguém sobre alguma coisa, quando se acredita naquilo que se prega.

Referências

FOUCAMBERT, J. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.

FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.

FREIRE. P. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SAVELI, E. de L. Por uma pedagogia da leitura: Reflexões sobre a formação do leitor. In: Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso:

Marcos Bagno...(et al) org.Djane Antonucci Correia. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa: UEPG, 2007

SILVA, E. T. da. A produção de leitura na escola: pesquisas e propostas. São Paulo: Atica, 2005.

SOLÉ, I. Estratégias de Leitura. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.

TARDIF, M; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM 5ª E 8ª SÉRIES

Vera Lúcia Mazur Benassi
mazurbenassi@ibest.com.br

Esméria de Lourdes Saveli
esaveli@hotmail.com

Resumo

O presente texto tem por objetivo apresentar uma discussão sobre as práticas de leitura nas aulas de Língua Portuguesa, desenvolvida em 5ª e 8ª séries em três escolas da rede pública do município de Ponta Grossa – Paraná. Os dados foram coletados por meio de observação da escola e das aulas de Língua Portuguesa, aplicação de questionários aos responsáveis pelas bibliotecas, pedagogos, professores e alunos das classes observadas. Essa metodologia de coleta de dados está de acordo com a abordagem das pesquisas qualitativas do tipo etnográfica. As discussões teóricas estão assentadas em autores que discutem a leitura e as práticas de leitura Foucambert (1994), Solé (1998) e Silva (2005). A análise dos dados evidenciou: a) que os professores não planejam suas aulas, disso decorre uma prática docente fragmentada, repetitiva que não estimula a participação dos alunos nas aulas; b) o livro didático é o material mais utilizado pelos professores para trabalhar a leitura em sala de aula; c) nas escolas há um discurso institucionalizado que culpa a mídia e a instituição familiar pelo desinteresse dos alunos pela leitura; d) os profissionais responsáveis por mediar a leitura nas escolas – bibliotecários, pedagogos e professores – afirmaram que são leitores, porém, eventuais. e) tanto os professores quanto os alunos reconhecem que a leitura é importante para a vida das pessoas e têm noção do papel da escola na formação de leitores.

Palavras Chave: Leitura, Práticas de leitura, Mediadores de leitura.

Introdução

O presente texto tem por objetivo apresentar uma discussão sobre as práticas de leitura nas aulas de Língua Portuguesa em turmas de 5ª e 8ª séries de 03 (três) escolas da rede pública do município de Ponta Grossa, Paraná. Escolhemos essas séries por considerarmos momentos decisivos no processo de aquisição e domínio da leitura e da escrita.

O desejo de investigar o tema é decorrente das nossas inquietações, enquanto professora. Essa preocupação aumenta ainda mais diante dos resultados das avaliações oficiais que evidenciam a falta de compreensão leitora dos alunos nessa etapa de ensino. Isso instigou-nos a buscar explicações, por meio de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, sobre as práticas de leitura que ocorrem nas aulas de Língua Portuguesa. E, ainda, procuramos compreender as condições físicas e humanas existentes nas escolas que contribuem para o desenvolvimento efetivo de práticas de leitura.

Para atender aos objetivos propostos, partimos das seguintes questões: a) Qual é o espaço que a leitura ocupa no cotidiano escolar? b) Como é conduzido o trabalho de leitura no cotidiano das escolas, as práticas de leituras nas aulas de Língua Portuguesa em turmas de 5ª e 8ª séries? c) Qual a concepção de leitura mais presente em professores, pedagogos, alunos e bibliotecários?

Portanto, voltamos o nosso olhar à escola como um ambiente natural onde se processa o trabalho realizado com a leitura. Nossa intenção era conhecer e entender os embates e contradições, a dinâmica e a diversidade de situações vivenciadas por professores e alunos associadas ao contexto escolar referente à leitura.

Para tanto, a pesquisa de campo, para a coleta de dados, compreendeu 06 (seis etapas): 1. Definição das escolas que seriam pesquisadas e autorização para a pesquisa; 2. escolha dos sujeitos; 3. a criação do instrumento de coleta de dados – o questionário semi-estruturado; 4. aplicação do teste piloto para validação do questionário semi-estruturado com 06 (seis) alunos de 5ª e 8ª séries; 5. processo de observação nas escolas escolhidas, focalizando de modo particular as turmas de 5ª e 8ª séries, registros em diário de bordo sobre o planejamento anual, os planos de aula e os registros realizados pelo professor no livro de chamada e; 6. aplicação do questionário aos alunos, aos professores, aos pedagogos e aos responsáveis pelas bibliotecas das escolas estaduais.

As concepções teóricas para a compreensão do objeto estão assentadas em autores que discutem as práticas de leitura e a formação de leitores, como: Freire (1982), Foucambert (1994), Solé (1998), Silva (2005), entre outros.

A leitura deve ser estimulada desde cedo, primeiramente, na família e depois na escola a qual deve ser o espaço privilegiado para a formação do leitor. Esses autores entendem a leitura como uma prática social que faz parte do cotidiano das pessoas. Essa perspectiva teórica defende que para formar leitor é fundamental que o aluno desenvolva o gosto pela leitura e se familiarize com o livro desde pequeno, lendo e ouvindo histórias, tanto na família quanto na escola. A sociedade contemporânea tem atribuído à escola a responsabilidade de ensinar a ler e a compreender os diversos gêneros textuais.

Dessa forma, a escola é reconhecida como uma das principais agências responsáveis pelo desenvolvimento das competências que envolvem leitura, uma vez que é nela que formalmente ocorre a reflexão sobre os variados gêneros textuais e os diferentes portadores de texto. O contato com uma diversidade textual possibilita aos alunos desenvolverem a capacidade de diferenciação e compreensão dos mesmos.

Todavia, sabemos que promover a leitura na escola não é tarefa fácil, exige oferecer aos alunos oportunidades para desenvolver a leitura. Demanda professores criativos para driblar as dificuldades encontradas no dia-a-dia, sem deixar de considerar que é fundamental a existência de bibliotecas com bom acervo. O desafio proposto aos professores é desempenhar da melhor maneira possível à prática pedagógica, contribuindo na formação do cidadão-leitor-crítico, a fim de possibilitar ao mesmo uma melhor compreensão da sociedade em que está inserido.

Por isso, segundo Silva (2005), é necessário que o professor se torne um leitor crítico e esteja em contato com variados contextos de leitura, constituindo-se autor de sua própria prática pedagógica.

Práticas de leitura em sala de aula

Durante a permanência como pesquisadora percebemos que o cotidiano escolar tem adotado uma série de práticas desmotivadoras que levam o aluno a não gostar de ler. A leitura foi trabalhada apenas como decodificação do escrito, sem discussão do conteúdo do texto, em decorrência disso, não havia interesse por parte dos alunos. Com isso, os alunos não foram levados a descobrirem os objetivos, não houve interação entre aluno/texto/professor. Percebemos que as leituras dos textos eram impostas, resumia-se a atos mecânicos de ler, o que gerava conversas paralelas entre os alunos, impedindo a compreensão da leitura.

A orientação dos professores para iniciar o trabalho com a leitura resumia-se em: *“Abram o livro na p. 56!”*; *“Façam uma leitura silenciosa do texto!”*; *“Vamos ler o*

texto em voz alta!”. Não se criava expectativas no leitor e não se mostrava finalidades para a leitura, a leitura não passava de um mecanismo de decodificação do escrito.

No pensar de Solé (1998), é preciso criar um ambiente de leitura, oferecer finalidade, ativar seu conhecimento de mundo, fazer previsões, formular questões, recapitular informações, resumir, destacar idéias principais, responder perguntas sobre o lido e construir interpretações. Segundo a autora para que um indivíduo se torne um leitor autônomo e competente é preciso que receba auxílio e suporte de um leitor mais experiente que trabalhe com as estratégias de leitura. Para Solé (1998), ao desenvolver atividades de leitura com os alunos é preciso que o professor tenha em mente que a leitura precisa ser desenvolvida em três momentos fundamentais: o antes, o durante e o depois.

O uso de estratégias leva à progressiva interiorização e utilização autônoma pelas crianças. Nesse caso, compreender os propósitos da leitura, o quê ler e para quê, pode determinar a forma como o leitor se situa na leitura e na compreensão do texto. As estratégias permitem aos alunos ativarem os conhecimentos prévios sobre o assunto e, dessa maneira, assumirem um papel ativo na leitura fazendo previsões, formulando questões e recapitulando informações a respeito do texto e, assim, ir construindo a interpretação do texto no decorrer da leitura.

A análise dos dados revelou que a maioria dos alunos não lê por prazer ou porque gosta, lê para fazer avaliações, atividades. Solé (1998) enfatiza que é preciso ir ao texto para buscar informações, para escutá-lo, para querer saber mais, para buscar incentivo e produzir outros textos e também para descontraír. Em geral o aluno que não lê, justifica dizendo que ler é chato e cansativo; que prefere jogar bola, e conversar; reclama que os livros são muito extensos.

É preciso considerar que a leitura não é o tempo todo e, nem para todos, em todos os momentos, exclusivamente prazerosa. Segundo Foucambert (1994: 29), “A leitura só é difícil ou cansativa (e exige esforços) quando não se sabe ler ou quando se precisa traduzir a escrita para compreendê-la”. Esta pesquisa evidenciou que os professores e os alunos desconsideram que a leitura envolve trabalho, esforço, desafios e, nisso, está a aprendizagem do prazer de ler, da construção do prazer de ler. Portanto, obrigação não é dissociável do prazer; não são pares constantemente opostos, nem são exclusivos para qualquer situação de uso da leitura. A sala de aula não tem sido um ambiente de prática diária que mostre aos alunos as diversas facetas que envolvem o ensino de leitura.

E, para justificar essa aversão à leitura pelos alunos, os professores afirmam que a culpa é dos pais que não dão exemplo, não incentivam seus filhos a praticarem a leitura de livros em casa. Por outro lado, culpam a escola que não mostra a importância dessa prática. A TV e o computador aparecem como vilões que vieram para ocupar o lugar do livro. E, por fim, denunciam que o professor lê pouco e não incentiva a leitura.

Os depoimentos revelaram que, tanto os professores quanto os alunos apresentam um discurso construído sobre a leitura, que vigora nas políticas públicas, no imaginário social e no interior da escola. As respostas mais recorrentes foram: “*Ler traz informações*”; “*ler exercita a capacidade mental da pessoa, é muito bom para o cérebro*”; “*ler traz conhecimento*”.

Todavia, esse discurso feito pelos alunos é solto e pode ser questionado: Ler qualquer coisa é bom? Ler em quantidade é bom? A leitura provoca consequências positivas naquele que lê? O que é bom hoje, sempre o foi? Quem legitima as leituras boas, as melhores práticas, o material adequado para ler?

O desenvolvimento de interesses e hábitos se faz num processo constante que se inicia na família, reforça-se na escola e continua ao longo da existência do indivíduo por meio das influências recebidas de sua atmosfera cultural.

A pesquisa comprovou que a maioria dos alunos possui material de leitura em casa, porém, leem eventualmente. Gostam de ir à biblioteca, mas poucos emprestam livros, leem, apenas aquilo que é indicado pelos professores.

Porém, quando, aos professores e aos pedagogos, fora perguntado: quais as dificuldades que encontravam para desenvolver o trabalho com a leitura. As respostas relatadas foram que os alunos não gostam e têm preguiça de ler, inclusive as questões do livro didático. Alegaram ainda que o trabalho com a leitura não é tarefa simples e que falta espaço na biblioteca para acomodar uma turma inteira.

Diante da questão “como fazer com que os alunos passem a gostar de ler” verificou-se que as escolas não desenvolvem atividades que promovam a leitura. Outro fato observado nas escolas é a imposição, o professor manda ler. Todavia, é necessário levar em consideração as diversificadas leituras que os alunos fazem fora e dentro da escola, realizam outras leituras e resistem às leituras escolares realizadas pelos professores.

Conforme observação a maioria das aulas não eram atrativas, não tinham continuidade, eram fragmentadas, não havia interação professor/aluno e o material primordial era o livro didático. As metodologias não contribuía para a produção de leitores competentes, as aulas não eram planejadas de acordo com as necessidades dos alunos, e

quando indagados sobre o assunto, as respostas foram: *“Por escrito eu não faço, a gente sabe conduzir a matéria”*; *“Sigo o livro”*; *“Planejamento? Ih adianta?”* *“A coordenação não acompanha o planejamento. Não dá tempo”*.

Necessário, se faz entender que a função mais evidente de um planejamento de ensino é segundo Tardif (2005: 212), *“transformar e modificar o programa a fim de moldá-lo às circunstâncias únicas de cada situação de ensino”*.

Isso implica dizer que planejar requer pesquisar, ser criativo na elaboração da aula, estabelecer prioridades e limites, estar aberto para acolher o aluno e sua realidade, ser flexível para planejar sempre que necessário. É preciso entender que ensinar exige saber planejar, o que implica levar em conta as necessidades e as características de aprendizagem dos alunos, os objetivos educacionais da escola, o conteúdo, o compromisso do professor com o ensino, o tempo e às condições objetivas de trabalho. Ele está ligado aos valores pedagógicos, culturais e intelectuais.

A pesquisa evidenciou que os mediadores da leitura, os que atuam na promoção, divulgação e na formação de leitores na escola, consideram-se leitores, porém eventuais. Entendemos que um dos requisitos básicos para quem quer ser formador de leitores, é ser leitor de diversos gêneros textuais e propiciar o contato do aluno com o livro e a leitura. Pois, quando o aluno vê o entusiasmo do professor pela leitura, por um livro, um autor, ele tende a fazer o mesmo.

A formação do leitor e a aprendizagem da leitura estão atreladas ao trabalho que o professor desenvolve na sua prática pedagógica. O professor aproxima o livro da criança deixando-a fazer escolhas, lendo textos, mostrando ilustrações, ouvindo atentamente, respondendo perguntas, observando e respeitando suas relações (SAVELI, 2007). A leitura de um texto é infinita, mas o momento em que o mediador compartilha com o aluno a leitura e a troca de experiências é única por incluir o vínculo ali estabelecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pesquisadores da área da leitura acreditam que os debates promovidos em torno do tema, é imprescindível, principalmente, quando se depara com os baixos índices de rendimento escolar apresentados pelas avaliações oficiais do PISA, Prova Brasil, entre outros. Essas avaliações evidenciam que a falta de compreensão leitora dos alunos das escolas brasileiras constitui um problema que deve ser equacionado e apontam a necessidade de a escola tomar para si esse desafio. Pois, é na escola e, mais

particularmente, na sala de aula que as políticas públicas dessa natureza tendem a serem efetivadas. Dessa forma, a escola precisa pensar em como oferecer aulas de qualidade, que sejam mais atrativas e incentivadoras, que vão ao encontro das necessidades apresentadas pelos alunos.

Partindo dessa perspectiva, defendemos que: a) as aulas de Língua Portuguesa devem ser planejadas; b) o trabalho com a leitura nas práticas diárias em sala de aula precisa ser menos estruturalista; c) o professor ao trabalhar com a leitura precisa dominar a língua, conhecer e se utilizar de meios estratégicos que levem o aluno à construção do conhecimento; d) o ensino de leitura necessita da interferência direta do professor como mediador; e) o professor precisa ter consciência e exercer um papel relevante no processo de formação de leitores; f) o leitor necessita do professor mediador para conduzir, orientar e aplicar estratégias de leitura.

Portanto, sem troca, sem diálogo, sem reflexão não existem condições para reverter o fracasso escolar instaurado dentro das escolas. Isso tudo só fará parte do contexto educacional se as políticas públicas voltadas para educação investirem em recursos didáticos, na qualificação permanente dos professores que visem superar as práticas pedagógicas estruturalistas.

Há que se refletir na seguinte questão: A leitura precisa ser ensinada? Como despertar o interesse dos alunos pela leitura? Como fazer com que as aulas de leitura se tornem atrativas e incentivadoras aos alunos? O professor de leitura dentro das escolas é leitor? A escola tem cumprido o seu papel de formadora de leitores? Como a escola se posiciona em relação à ausência da leitura dentro dela?

A leitura deve ser ensinada, mediada, compartilhada e jamais imposta. Não há como ensinar o aluno a gostar de ler sem antes mostrar a ele a relação do ato de ensinar e aprender.

A maneira como se desenvolve e se apresenta o trabalho com a leitura na sala de aula é fruto daquilo que se acredita e se adquire como bagagem cultural de vida. Nesse caso, a metodologia escolhida pelo professor no momento em que irá trabalhar a leitura é algo marcante na aprendizagem, isto é, na construção que cada indivíduo realiza durante a vida. A partir disso, é preciso pensar em aulas bem planejadas, em que o aluno possa perceber a intenção do professor ao escolher aquela atividade.

De acordo com Solé (1998) os mediadores de leitura precisam estar preparados para poderem oferecer aos seus alunos diversas maneiras de se ler um texto. É possível de a leitura ser ensinada, motivada e planejada fazendo uso de estratégias que facilitem a

compreensão do texto, considerando sempre a construção do sentido, o contexto, o conhecimento prévio do leitor e a diversidade de gêneros textuais. O conhecimento de diversos gêneros textuais, a função social, os tipos de discurso que neles predominam e as formas como são estruturados é essencial para o desenvolvimento do leitor na compreensão eficaz do texto.

A pesquisa mostrou que os professores reconhecem que a leitura é importante e têm noção do papel da escola como promotora e incentivadora da leitura. Todavia, quando se tem por objetivo a formação de leitores precisamos entender que a leitura perpassa por todas as disciplinas do currículo escolar e, portanto, desenvolver as habilidades e competências leitoras é de responsabilidade do coletivo da escola.

Outro discurso disseminado no interior das escolas é o de que os alunos não gostam de ler e, isso acaba dificultando o trabalho com a leitura. Nesse sentido, podemos dizer que para que a escola desempenhe com qualidade o seu papel enquanto formadora de leitores ela precisa incentivar a leitura tornando-a uma cultura dentro dela, para que isso aconteça todos os responsáveis por mediar a leitura nas escolas devem ser leitores e se envolverem nessa prática, pois só se convence alguém sobre alguma coisa, quando se acredita naquilo que se prega.

Referências

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SAVELI, E. de L. Por uma pedagogia da leitura: Reflexões sobre a formação do leitor. In: **Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso: Marcos Bagno...**(et al) org. Djane Antonucci Correia. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa: UEPG, 2007

SILVA, E. T. da. **A produção de leitura na escola: pesquisas e propostas**. São Paulo: Atica, 2005.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1998.

TARDIF, M; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.